

Este livro oferece ao leitor um conjunto de testemunhos de arquitectos portugueses, sobre o modo como aprenderam e ensinam arquitectura. São o resultado de entrevistas realizadas pela arquitecta Ana Sofia Pereira da Silva que lança, no início de cada conversa, duas perguntas essenciais: “Como aprendeu?”; “Como assiste e instiga a aprendizagem dos outros?”. Perguntas, cujas respostas não pretendem revelar fórmulas milagrosas ou modelos a seguir, mas sim partilhar experiências, intuições, e momentos pessoais que, de algum modo, nos fazem questionar, crescer e continuar a aprender.

Bárbara Silva (editora).

NOTE

ARQUITECTURA: COMO APRENDEMOS?

NOTE

ARQUITECTURA: COMO APRENDEMOS?

Ana Sofia Pereira da Silva

Alexandre Alves Costa

Carlos Machado

Filipa Guerreiro

Gonçalo Byrne

Inês Lobo

Joaquim Moreno

Jorge Figueira

José Manuel Soares

Manuel Aires Mateus

Manuel Mendes

Maria Manuel Oliveira

Nuno Brandão Costa

Nuno Mateus

Nuno Valentim

Paulo Providência

Ricardo Bak Gordon

Ricardo Carvalho

Sérgio Fernandez

Teresa Heitor

NOTE

ARQUITECTURA: COMO APRENDEMOS?

Ana Sofia Pereira da Silva

Alexandre Alves Costa

Carlos Machado

Filipa Guerreiro

Gonçalo Byrne

Inês Lobo

Joaquim Moreno

Jorge Figueira

José Manuel Soares

Manuel Aires Mateus

Manuel Mendes

Maria Manuel Oliveira

Nuno Brandão Costa

Nuno Mateus

Nuno Valentim

Paulo Providência

Ricardo Bak Gordon

Ricardo Carvalho

Sérgio Fernandez

Teresa Heitor

NOTE

ÍNDICE

Arquitectura: como aprendemos?	
Introdução por Ana Sofia Pereira da Silva	7
Alexandre Alves Costa	15
Carlos Machado	25
Filipa Guerreiro	35
Gonçalo Byrne	43
Inês Lobo	51
Joaquim Moreno	59
Jorge Figueira	69
José Manuel Soares	77
Manuel Aires Mateus	83
Manuel Mendes	91
Maria Manuel Oliveira	99
Nuno Brandão Costa	107
Nuno Mateus	117
Nuno Valentim	127
Paulo Providência	135
Ricardo Bak Gordon	143
Ricardo Carvalho	153
Sérgio Fernandez	161
Teresa Heitor	169

Maria Manuel Oliveira (Guimarães, 1956), arquitecta pela Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP, 1985) e Doutora em Arquitectura pela Escola de Arquitectura da Universidade do Minho (2007).

Desde 1997 é docente na Escola de Arquitectura da Universidade do Minho. Desenvolve prática arquitectónica no âmbito do Centro de Estudos (CEEAUM) - que fundou e foi Directora entre 2009 e 2016. Foi Presidente de Escola (2015-2018). É membro do Laboratório de Paisagens, Património e Território (LAB2PT). Exerceu profissão liberal (1988-2002), tendo anteriormente trabalhado no Gabinete de Planeamento Urbanístico da Câmara Municipal de Guimarães, leccionado no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Engenharia da Universidade de Angola (Luanda) e na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP), onde integrou o seu Centro de Estudos.

MARIA MANUEL OLIVEIRA

Hoje em dia penso, e de uma forma cada vez mais insistente, que devemos partir para os problemas procurando construir perguntas, adequadas àquele momento e circunstância. Acredito que é através daquilo que desconhecemos que melhor circunscrevemos as soluções. Num mundo tão instável como aquele em que vivemos, admito ter cada vez mais dúvidas em relação à possibilidade de encontrar soluções fechadas, demasiado completas. Esta forma de olhar está, naturalmente, muito ligada ao tema do ensino e da aprendizagem, à maneira como o organizamos e como pensamos que ele pode servir melhor a formação de arquitectos.

Fiz o curso no pós-25 de Abril, na ESBAP, um período muito especial. Não o trocava por nenhum outro. Foi muito rico, muito intenso, muito envolvido politicamente e socialmente. Existia uma relação bastante diferente com a escola do que aquela que agora encontramos. Tanto desde o ponto de vista dos conteúdos, como também na relação com os professores, que era muito próxima, e com quem, conseqüentemente, aprendíamos muito. Era um curso-ensaio, no qual se testou um currículo novo que pretendia o «regresso ao desenho», que acreditávamos socialmente comprometido e que sentíamos, de alguma maneira, estarmos a construir colectivamente. Éramos todos muito optimistas em relação ao futuro que se aproximava, todos nos considerávamos bastante responsáveis por essa construção do conhecimento. Era um processo muito dinâmico e interactivo. Há muitas coisas que agora considero importantíssimas e de cuja relevância na altura não me apercebi.

Estávamos na escola horas sem fim. Alguns de nós já trabalhavam, mas ainda assim vivíamos imersos no ambiente de Belas-Artes, onde partilhávamos as instalações com Pintura e Escultura. A política, e as políticas, contagiavam o quotidiano da escola naquela altura, penso que no bom sentido, porque exigiam atenção e espírito crítico. Contaminavam também as leituras

sobre como se deveria ensinar Arquitectura. É nesse contexto que surge o argumento, ainda hoje presente, de que a Arquitectura não se ensina, de que a Arquitectura se aprende. O que não tem que ver com minimizar a importância da escola formal, não passa por aí. De facto, significa antes que o processo de aprendizagem de Arquitectura é algo que se constrói não necessariamente através de esquemas predefinidos e tempos fechados em relação a conteúdos exactos, mas através de uma trajectória em que se aprende a conhecer e a interrogar os conhecimentos adquiridos.

Na escola que frequentei éramos muito solicitados para perguntar. Sobretudo porque, naquela altura, ninguém tinha soluções. Havia convicções, por vezes demasiado fortes, mas não existiam soluções. Aprendemos muitas coisas, entre as quais a de que existia a possibilidade de nos entendermos dentro das nossas diferenças. Aprendi a estudar, a desenhar e a projectar num trajecto com muito bons professores. Também desse ponto de vista foi um curso altamente privilegiado. Tive uma panóplia impressionante de professores: Fernando Távora, Álvaro Siza, Sérgio Fernandez, Manuel Correia Fernandes, Alexandre Alves Costa, Jorge Gigante, Alcino Soutinho, Domingos Tavares, entre outros. Todos eles igualmente em pleno desenvolvimento profissional e a construírem, inevitavelmente entre tensões e consensos, o curso que então se ensaiava. O Alberto Carneiro foi um professor que me provocou um grande impacto, embora fosse, para mim, com frequência, enigmático. Só anos mais tarde me foi possível perceber e encaixar plenamente algumas das coisas que dizia. Na altura tinha, apenas, uma percepção do seu alcance, mas existia uma confiança intuitiva nele. O professor Gigante ensinava Construção, era uma pessoa maravilhosa e de quem nos tornámos muito amigos. Ele por vezes levava-nos às obras, eram dias memoráveis.

Essas cumplicidades existiam de forma muito presente e a continuidade entre o que era a escola e o que se prolongava para além dela, lembro-o como uma coisa una. A minha aprendizagem disciplinar e ética está, de facto, profundamente relacionada com pessoas e personagens que admirava e de quem gostava, que tinham um empenho imenso na construção de uma escola de Arquitectura atenta e contemporânea. Algumas dessas amizades mantêm-se até hoje, num acompanhamento de vida que me dá particular gosto. Após finalizar o curso, juntamente com dois colegas,

estive a dar aulas em Luanda, na Faculdade de Arquitectura, em virtude de um protocolo (verbal!, na altura o nível de informalidade era incrível) entre ambas as escolas. Foi um ano muito intenso, novo e entusiasmante sob todos os aspectos. Comecei a leccionar Construção. Sentia-me em pânico e tive uma conversa longa com o Alcino Soutinho e o Álvaro Siza, no escritório do Siza, sobre metodologias de ensino e conteúdos. Ambos tinham sido meus professores de Construção. Dedicaram-me uma tarde, uma disponibilidade hoje impensável, sinal da velocidade dos tempos... À época todos os professores projectavam e construíam – outra diferença muito substancial para as escolas de hoje em dia. Álvaro Siza escreveu então a propósito que «a Arquitectura não se ensina, aprende-se» e que «o professor é o mecanismo que põe tudo a funcionar».

Lembro-me de algo que aprendi, que não tem directamente que ver com o ensino, mas que na verdade se relaciona com a discussão de Projecto e com a aproximação à Arquitectura: o problema da comunicação e do entendimento não é geracional, é antes um problema ideológico e de afinidades. Na Escola tanto conversávamos com pessoas que tinham mais 20 ou 30 anos do que nós, como com os seus filhos que costumavam por ali brincar; e falávamos com todos da mesma maneira, quero dizer, com o mesmo tipo de abertura e respeito, considerando a maturidade e a sabedoria de cada um. Compreender e apreciar esta possibilidade foi muito importante (e continua a sê-lo) nas aulas, em que a construção do conhecimento é comum ao aluno e ao professor. Esta troca é, aliás, a grande sedução de ser professor. Foi uma revelação perceber que a leitura da realidade não é um afunilamento geracional e que as questões fundadoras seriam, talvez, bem mais perenes e transversais do que eu pensava – ainda que na Arquitectura essas perenidades também existissem, pese embora a afirmação da contemporaneidade e das suas linguagens, enfim, o que vai influenciando o tempo em que vivemos e nos faz mais sensíveis a uns ou a outros aspectos. Tornou-se muito importante tentar entender esse filão que percorre os tempos, que é contínuo embora arritmico, e que apesar de absorver e reflectir o exterior de forma diferente, mantém uma integridade essencial. Saber olhar, procurar compreender, aprender a perguntar, mostrou-se fundamental. Assim como perceber a diferença entre gostar de algo e reconhecer a sua efectiva qualidade, não confundindo ambos.

Foi uma aprendizagem reveladora, ao permitir observar criticamente a diferença e admirar qualidades que não têm resultados que apreciamos; ou perceber que há arquitecturas que muito estimamos mas que não são necessariamente admiráveis. No exercício e no ensino da Arquitectura parece-me elementar entender e fazer entender e interpretar estes dois patamares de leitura, encontrando os seus pontos de contacto e as suas divergências. Um arquitecto pode exercer diversas actividades e profissionalmente trabalhar, com facilidade, em muitíssimos campos. A nossa formação alimenta essa flexibilidade, a construção de percursos por entre circunstâncias e geometrias variáveis. É uma capacidade que advém exactamente do tipo de ensino, da aprendizagem de um processo de pensar a que chamamos, de uma forma talvez um pouco obscura, «método». Julgo que só percebi, em toda a sua extensão, esta forma de abordar os problemas quando mais tarde li as reflexões de Edgar Morin sobre o pensamento complexo. Éramos, somos, e queremos continuar a ser, treinados para nos movermos no âmbito da complexidade. É-nos indispensável para o exercício disciplinar.

O objectivo de um curso de Arquitectura é organizar o ensino de forma a que os estudantes aprendam a realizar projectos de Arquitectura. Não significa acabar o curso a saber fazer projectos de execução completos ou a acompanhar obras, algo que se conquistará trabalhando. Mas os alunos devem adquirir o raciocínio crítico que lhes permite construir espaço, antever espaço organizado em múltiplas frentes, propor a sua integridade tectónica, ter consciência ética do seu papel social e de que estão a contribuir para um futuro melhor. Um projecto é uma invenção que articula racionalidades, intuição e criatividade, é algo que desde o primeiro momento tem encriptado uma quantidade desmesurada de possibilidades que precisam de ser seleccionadas e compatibilizadas, numa trajectória que progressivamente se define através do desenho enquanto acto de conhecimento. É no pensar e desenhar, e no desenhar e pensar, que a construção do projecto e a sua aprendizagem se faz. São processos que se alimentam mutuamente, que se vão delineando mutuamente. Sem esta dupla verificação, o projecto reduzir-se-ia a um percurso linear e cronológico, uma aproximação telescópica sumativa... O processo de projecto é tudo menos isso, é uma trajectória criativa, complexa e surpreendente. Aqui residem algumas das nossas mais sérias dúvidas actuais:

até que ponto é que a aprendizagem deve insistir na concretização do projecto, de um projecto verosímil? Até onde, no acto de projectar, o discurso verbal e escrito pode substituir o desenho? Tendemos cada vez mais a restringir o campo do desenho ao seu território basal, também por força de uma academia que sobrevaloriza a investigação face às outras vertentes e não aceita a prática da Arquitectura como uma forma de conhecimento, não dando assim a oportunidade de carreira aos professores de exercerem projecto em contexto profissional.

A questão é que quanto mais os professores estiverem ausentes dessa prática, menos utilizarão o desenho na sua complexidade integral. Suponho que essa é uma perda efectiva a que estamos a assistir – muito evidente nas áreas artísticas que a academia cooptou – e que será necessário encontrar um equilíbrio que permita fortes injeções nas escolas da realidade disciplinar exterior, forçando esse contacto mútuo, definitivamente enriquecedor para todas as partes envolvidas. É também através dessa familiaridade que o curso se vai actualizando e a própria investigação encontrando temas que estão na ordem do dia, preenchendo lacunas na formação. Um tema crucial com que nos debatemos ultimamente diz respeito à forma como integramos o tema ambiental no currículo escolar. De facto, as nossas perplexidades ainda são muitas e tendemos a encarar a questão como autónoma, pertencente a um campo de conhecimento específico. O salto qualitativo que agora se exige, de forma premente, é a sua inclusão, fluida e natural, em todas as frentes dos processos de ensino-aprendizagem. É uma responsabilidade comum a todos, mas em que nós, professores, temos uma enorme quota-parte. Julgo que precisamos de considerar as nossas ignorâncias e ultrapassar preconceitos, estudar, e disponibilizarmo-nos para participar seriamente neste combate. Existem já acordos internacionais que as escolas de Arquitectura subscreveram, mas se quisermos ir além do conforto das declarações de intenção, temos uma tarefa que nos exigirá activar esforços e comprometimento colectivo e empenhado. Um dos aspectos que não é usual abordar nas escolas, e que na minha opinião seria fundamental, refere-se a colocar os alunos perante a construção do programa funcional que orientará o projecto. Não é um ponto de vista consensual, sendo por alguns considerado como uma perda de tempo, uma vez que, argumentam, esse papel não compete ao arquitecto. Mas não só cada vez mais frequentemente o arquitecto

tem um papel activo nessa definição, como a verdade é que se não aprendermos a construir e a discutir o programa na sua racionalidade complexa, não seremos capazes de avaliar a adequação – e as eventuais alternativas – daqueles que nos entregam para desenvolver. Esta é uma forma de reflectir criticamente, desde o princípio, sobre a multiplicidade de níveis que envolve a produção do projecto ao longo de todo o processo, compreendendo-o como um circuito que interage em contínuo. O programa é um guião que está em permanente questionamento, que o desenho sanciona ou propõe rever. Aprender este raciocínio de síntese evolutiva parece-me indispensável à prática futura dos estudantes.

Suponho que o que a escola tem de melhor para oferecer aos alunos, a acompanhar um leque alargado de conhecimentos básicos que permite idealizar, e concretizar, o desenho do espaço, é exactamente a capacidade de construir possibilidades articuladas, que são sempre diversas e não precisam de corresponder a um caminho predefinido. Trata-se, no limite, da aprendizagem do exercício de liberdade crítica. É por isso que é difícil, e empolgante. O projecto de arquitectura é uma interrogação e uma interpretação do que está para vir. Existe para fabricar um futuro melhor, um futuro de esperança. Mas sabemos que qualquer esperança é um risco, e que contém em si muitas perguntas para as quais não temos resposta. Uma escola ensina-nos que boas soluções dependem de boas perguntas, e que as perguntas se constroem com conhecimento. Ninguém consegue fazer boas perguntas se não for a partir de uma base de conhecimento e da disponibilidade para novas aprendizagens. É fundamental olhar para um problema procurando construir as perguntas certas. As perguntas contêm um potencial de abertura e de pensamento divergente que é extraordinário. O que é muito apaixonante na Arquitectura é a possibilidade de, a partir de uma série de questões objectiváveis, encontrar diferentes soluções conforme as perguntas que estamos interessados em fazer.

Não é fácil reconhecer os caminhos desta espécie de paradoxo em que, como nos dizia Fernando Távora logo no início do curso, «o contrário também é verdade». Talvez o âmago do curso de Arquitectura consista verdadeiramente em incutir aos alunos o prazer de estudar e aprender com cada projecto, com a energia que traz cada nova experiência, com a hipótese de contribuir para a transformação do mundo.

editora NOTE www.note.org.pt

direcção editorial Bárbara Silva

Arquitectura: como Aprendemos?

autora Ana Sofia Silva

ISBN 978-989-99673-3-5

Lisboa 2022

impressão NORPRINT - casa do livro

depósito legal 496428/22